

O MUNDO CONFLITANTE DO ÍNDIO NORTE-AMERICANO OU

SEM nenhuma dúvida, é mais familiar ao brasileiro a História ou a cultura européia e norte-americana ou mesma oriental e asiática do que a sua própria História e cultura. E também, mais familiar ao brasileiro o conhecimento do francês ou do inglês do que do Xavante e do Kraô. Como deve ser também o seu conhecimento do extermínio ou genocídio de outros povos e culturas, do que o de um povo, de uma nação, que sempre esteve aqui mesmo antes da descoberta do Brasil. O índio brasileiro é visto de uma maneira folclórica e nunca se olhou para ele nem como ser humano - porque não temos conhecimento nem consciência do que é ser isso - nem como outra raça com suas tradições próprias e com um direito de existência igualmente própria à sua cultura.

Neste artigo especial para O POPULAR, o Professor Rômulo Pinto de Souza comenta como os índios norte-americanos vivem e sentem o atual impacto tecnológico em seu país e as similaridades que estão sendo enfrentadas, agora, pelos índios brasileiros. Num texto direto e preñado de informações o professor Rômulo Pinto de Souza endereça uma pergunta de profundidade a todos os que estão interessados nos rumos da nação e já perceberam a importância da questão indígena: "O índio brasileiro será o próximo suicida?". (LC)



O mito hollywoodiano sempre trabalhou contra o índio americano

O QUE PODERÁ VIR A ACONTECER COM O ÍNDIO BRASILEIRO

Rômulo Pinto de Souza

O índio é um ser diferente por certas coisas, certas percepções próprias em relação ao mundo que o cerca. Eles constituem uma filosofia, uma visão cósmica que é peculiarmente nativa, definitiva. Ele está presente, vivo, em boa relação com a terra, com os deuses, com tudo que é belo.

O grande contraste entre o branco e o índio (talvez não haja conceito tão antagônico como este), é o da posse da terra. Para os índios a terra é para o uso de todos e não pertence a ninguém. Já o homem branco não vacila em reparti-la, esgotando-a sistematicamente.

Eles existem, um milhão deles, e existir é, para a maioria deles, a palavra apropriada, vivendo e parcialmente habitando em faixas repartidas e descontinuas de seus reinos perdidos. De um lado, o futuro os pressiona a assimilar a "Grande Sociedade Branca"; do outro, o seu orgulho de nação índia os retrai, com toda a sua privacidade e introspecção. Eles querem permanecer índios, mas o presente não os permite ver nenhum futuro nisso. A sociedade branca poderá resolver os seus problemas, mas eles não vêem virtude em tal ato.

Para o homem branco e sua burocracia, os índios são um povo invisível, um embaraço à sua sobrevivência e desenvolvimento. Os índios estão cientes disso, porque o "Mito de Hollywood" quase sempre trabalhou contra eles, e suas crianças sofrem com esta propaganda. Elas são educadas a serem índias, a sentirem orgulho de sua raça, mas o contato inevitável com a televisão do homem branco cria uma perplexidade temerosa, que parece ser a marca das raças oprimidas. A imagem que eles projetam nos filmes de faroeste é sempre aquela em que o índio é sempre o "cara mau", agredindo o sempre "bonzinho homem branco". "O mocinho" é sempre aquele que qualquer criança gosta de se associar, e o "mocinho" é sempre branco. Para a criança índia, depois de tão óbvias associações, seria muito difícil ela dizer: "Final, eu sou índia". Para a criança índia tudo isso é embaraçoso. Agora, mais do que nunca, o jovem índio questiona sobre a sua existência, incerto de seu destino, inseguro dos dois destinos a escolher. O primeiro, indígena, parece negro e terrível, mas é indígena, pertencente a seu povo; o outro, branco, diz respeito a uma raça estranha, perigosamente diferente. Por isso, ele não só contempla o suicídio mas, muitas vezes, ele o pratica.

O índice de suicídio entre jovens índios de 15 a 19 anos é três vezes maior do que a média americana; quatro vezes mais na faixa etária de 20 a 24 anos, e duas vezes mais entre pessoas de 25 a 34 anos. As estatísticas podem enganar, mas elas dizem verdades frias.

Suicídios têm sido registrados entre crianças de 8 anos. Significativamente, para os grupos de mais de quarenta e cinco anos, a taxa é menor do que a média nacional. Isto reflete a distância a distância entre as gerações. O índio mais velho pode suportar mais facilmente as pressões da época, porque ele está mais próximo das tragédias físicas da derrota indígena e, há muito tempo, já se resignou com tudo aquilo que ele considera irremediável. Ao mesmo tempo, o índio pode alimentar o seu orgulho com a convicção de que ele é superior ao homem branco, isolando-se. As gerações mais jovens não tiveram tal sorte, tendo que enfrentar dois futuros, ambos sem esperança. A falta de excitação em suas vidas os encoraja a praticar o suicídio como uma espécie de ousadia demoníaca. O ego foi ferido e as frustrações surgiram, quando o mundo do homem moderno penetrou em sua reservas.

Pedro Nuvem Azul, líder uma facção dos índios Sioux diz: "O povo indígena exigirá sempre o direito de ser um povo indígena numa terra indígena. Compreendemos que temos interesses comuns e um destino comum ao de todas as pessoas desse continente. Não somos separatistas, os nacionalistas no mau sentido, mas nos recusamos a viver em colônias que são constantemente controladas por companhias estatais e partilhadas. Temos que ser nós mesmos, tecendo nossa própria história". No "O Amanhã", poema escrito por Pedro Nuvem Azul, todas as forças transcendentais do índio, suas incertezas e tragédias passadas são descritas e sentidas:

Nós lamentamos o sangue derramado de épocas incontáveis
Quando cada um de nós levantávamos a lança do ódio...

Agora, vamos secar nossas lágrimas e aprender a dançar
É cantar o ciclo da vida.
As danças do amanhã, diante do sol, em promessas sagradas.

Tudo aquilo que há de acontecer com nossas crianças, ainda não nascidas,
Porque para nós elas são o verdadeiro potencial de beleza duradoura.

Terá que ter a marca de um futuro melhor e esperança.

Agora, vamos inclinar a lança do ódio sobre este solo.
Essas imagens negras de um povo vencido têm que servir de base para uma aproximação mais justa e

compreensiva de povo para povo, aqui no Brasil. A inação de tal compromisso com os povos de outras culturas poderá ser maléfica e irremediável, com perdas culturais de ambas as partes. As nações índias constituem um reforço cultural brasileiro, com suas peculiaridades próprias de ser um outro povo, que pensa diferente, que quer uma identificação. Por que transformá-lo e encarar-lo como perplexidade doentia de um homem das grandes cidades? Por que não comunicar com o Xavante em língua Xavante, com o Kraô em língua Kraô? Seria esforço demais para o branco, que estereotipa de inferior tudo aquilo que desconhece, que está fora dos padrões ocidentais. E o índio? Não acontece o mesmo do "outro lado"?

A análise das relações entre os indígenas e os brancos no território brasileiro envolve problemas amplos e complexos. A realidade indígena atual, enquanto problema criado pela sociedade nacional envolvente, só pode ser entendida através de um longo processo histórico que tem início com a conquista colonial.

A ocupação territorial do continente pelos europeus foi acompanhada pela usuração crescente das terras indígenas e pelo extermínio sucessivo a que foram submetidos. Basta dizer que no Brasil calcula-se que a população pré-cabralina deveria somar de 5 a 6 milhões de habitantes. Hoje, essa população talvez nem chegue a 220 mil.

Desta forma, as relações entre índios e brancos aparecem sempre como relações de conflitos e de tensões e que no processo histórico brasileiro vêm aumentando de intensidade. A dinâmica produtiva da socie-

dade nacional, através de suas frentes de expansão, alcança hoje os últimos povos indígenas que em algumas regiões da Amazônia viviam de modo pleno sua integridade cultural. A autonomia política e cultural de que eram portadores desaparece completamente, quando não inteiramente destruídos, criando as mais diversas formas de dependência. A apreensão, a apatia, o grande torpor pelo impacto agressivo e desumanizante do progresso, criam situações incômodas e sustentadamente destrutivas.

Casos peculiares ocorrem nas diversas comunidades indígenas: os índios assalariados numa sociedade que desconhece o dinheiro, o que vem a criar falsos líderes dentro da tribo. E a destribalização é o passo seguinte, num processo culminante de desagregação cultural e iminente. Portanto, os índios brasileiros continuam sujeitos a uma relação colonial de domínio que teve a sua origem no momento da conquista e que ainda não desapareceu no seio das sociedades nacionais. Esta estrutura colonial se manifesta no fato de que os territórios ocupados pelos indígenas são considerados e utilizados como terras de ninguém abertas à conquista e à colonização.

Reconhece-se, entretanto, que o processo contínuo de contato e de dependência dos grupos tribais acaba levando à sua progressiva desagregação. As forças de sociabilidade que se abrem, então, para os seus membros, aparecem-lhes como forças estranhas e alienadas, uma vez que o "índio não poderá exprimir a sua natureza e vivê-la na sua totalidade a não ser no interior das comunidades tribais e em comunhão com suas relações de produção".

A CRISE DE IDENTIDADE QUE PERSEGUE O BRASILEIRO

Leonardo Carmo

UMA das crises do Brasil é a de sua identidade, da sua unidade, povo, nação. É essa uma questão controversa porque os nacionalismos descambam, não raro, para os totalitarismos. Veja-se o caso do fascismo, do nazismo, da sua versão tupiniquim, o-integralismo. É que os nacionalismos precisam de uma ideologia para sua justificação para sua existência de fato, enquanto Estado constituído. A organização de um povo reflete a sua ideologia que é a legitimação de sua forma de governo. É essa forma de governo regida numa Constituição é produto de uma cultura. De uma antropologia, da formação de um povo. O brasileiro tem sua formação étnica, onde? No negro, no branco lusitano e nos indígenas. Os negros - antes dos brancos saberem - tinham (têm) a sua cultura, as suas formas de vida. Os europeus e os índios, também. E o que aconteceu é que a civilização vinda nas caravelas, "descobrimo" o novo mundo, era marcada pela expansão econômica, que com a sua superioridade técnica dominou e colonizou outras culturas, outros povos, outras nações. É dentro desse contexto que começa a História do Brasil - em 1500 -, que, no dizer de Oswald de Andrade, antes de ser descoberto pelos portugueses, tinha descoberto a felicidade. Mas isso virou piada, um jeito brasileiro.

A miscigenação do negro, índio e branco deu um tempero estudado por Gilberto Freyre em Casa Grande & Senzala; Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Hollanda; e Retrato do Brasil, de Paulo Prado, para ficarmos em três autores. Isso sem mencionar a contribuição cultural de um Darcy Ribeiro, de um Paulo Freire, entre outros renomados intelectuais brasileiros. Como estudos mais recentes - ao nosso alcance - citamos Ideologia da Cultura Brasileira - pontos de partida para uma revisão histórica, de Carlos Guilherme Mota, e Crítica da Razão Tupiniquim, de Roberto Gomes. Passando por cima das citações literárias - O Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto; Macunaima, de Mário de Andrade, etc - essas citações querem dizer que, no centro de sua História, o "povo brasileiro" tem se esbarrado na questão de sua identidade cultural, que está ligada às suas raízes antropológicas, não só como os outros povos, mas como um ponto central na sua política, no seu modo de ser, de se constituir como nação, alma, povo, gente.

Al é preciso esclarecer que não estamos afirmando que o nacionalismo é sinônimo de reacionarismo. Veja-se o caso da unidade nacional nos países africanos que lutaram (e ainda lutam) contra o jugo imperial-colonista, tanto a direita quanto a esquerda em qualquer país se faz valer dos argumentos da "nação". A ideologia de justificação desse nacionalista é que é a questão. O Brasil que sob a égide de 1964 viveu sob os lemas ou "ideologias" de segurança e desenvolvimento hoje vive o lema de democracia e desenvolvimento. E a Política que se desenvolve no país se dá a partir desses princípios que estão alicerçados numa Constituição ferida, como ferido está o coração indígena, o coração de um povo, o

primeiro que estava assentado culturalmente nessa terra. Em pouco menos de 500 anos, o brasileiro vive-nos versos de Paulo Leminski - "uma prefiguração em ponto pequeno do que pode acontecer com o Brasil ante nações mais civilizadas". Por isso ela - a identidade, e a face do índio como um componente fundamental desse rosto da nação - é uma questão controversa. Porque ela trata da defesa de um povo, de uma nação. O brasileiro é, falando por metáfora, um índio nas mãos da colonização tecnológica, nesse impacto de modernização desenvolvimentista que ocorre no país. A crítica porém não reside aí, ou seja na impotência do brasileiro enquanto povo frente à dominação que lhe é imposta. Mas, sim, num desconhecimento de uma tragédia maior que é a cumplicidade no genocídio de um povo, porque o brasileiro nem sabe quem ele é, mas o índio mesmo esfacelado tem esse sentimento de unidade, de existir como nação. E por isso essa voz - a dos índios - tem se erguido para lutar pelos seus direitos. E a luta pelos seus direitos se dá em chão firme, para existirem os índios precisando da terra, essa que nós brasileiros, também não possuímos.

A política com relação ao índio, mediada pela FUNAI, tem demonstrado os seus resultados. E entre inúmeros itens de "realidade" que o brasileiro tem que tomar consciência, existe o da interação de que o brasileiro e o índio - de nações, culturas diferentes - são um povo só. E que a luta que os índios enfrentam nos obstáculos da sua sobrevivência física no Brasil é uma questão dos brasileiros não por moral e civismo mas pela compreensão de que ele próprio está em extermínio, e que é necessário resgatar a memória cultural do índio, como se estivesse resgatando a sua própria vida. Explica-se: ou fica-se nessa de divulgar informações sobre os problemas dos índios ou toma-se a atitude concreta de a partir dessas informações, mergulhar-se profundamente em nossas consciências para nos fazermos perguntas como esta: que nação brasileira é essa que permite matar seus próprios filhos, no caso nosso útero gerador de vida porque eles já estavam aqui? A intenção em realçar a questão indígena-além das estatísticas - para o homem brasileiro, não é para minorizar a cultura africana ou menosprezar a contribuição do europeu. É para chamar a atenção para um item simultaneamente básico para a compreensão de nossa ideologia, da nossa nação no presente. O fato de o índio ser o elemento natural da terra somado ao seu processo de extinção através de roubos, saques e doenças. Forma um sistema ecológico-cultural essa conjugação do branco, negro e índio e o seu rompimento em um de seus pontos pode ser (está sendo) fatal. A questão do índio e não só do índio - ilumina ou obscurece em muito a nossa civilização. E preciso num certo sentido que o Brasil descubra novamente a felicidade. E que a demarcação de terras - entre outras coisas - para os índios seja não só a conquista de sua gente, mas a prova de soberania de nosso povo. E isso só vai ser conseguido com muito ritmo e cor, que o brasileiro descubra a sua pele e se ve-enxergue nu como branco, como negro, como índio, na universalidade de ser humano.

**Por nós,
Novo Mundo teria
ganho o Oscar
de melhor
desempenho nestes
25 anos.**

**E ainda, uma estatueta de
melhor direção.**

Parabéns Novo Mundo.



FÁBRICA DE MÓVEIS R. E TRINHO LTDA.

**Pelo
telefone.**



Use o telefone pra
vender, comprar,
trocar, alugar.
O Classistel (Anúncios
Classificados Fonados)
está aí pra isso mes.mo

225-5533